

Sendo as referências, assim, mencionadas nas notas, todo o restante da parte puramente documental do livro se encontra reunida anexa no fim do volume. Aí se encontram, nomeadamente:

- uma cronologia;
- uma genealogia de Pessoa;
- um inventário classificado de suas principais obras publicadas;
- um índice onomástico.

Como de hábito, as omissões e lacunas acham-se assinaladas por reticências entre colchetes: [...]. As numerosas reticências que pontuam as citações encontram-se, pois, no texto.

Num livro como este, em que a cada página se fala de lugares e de personagens que, para o leitor francês, são estrangeiros, o mais das vezes portugueses, uma das questões mais irritantes que se põem é a transcrição dos nomes próprios. [...] Tentei, na medida do possível, manter o uso atual, que exige equilíbrio muito sutil e por vezes arbitrário. [...] O essencial é evitar as armadilhas, como aquela em que caiu o tradutor francês de um romance italiano cuja ação se passa em Munique, ação que ele situou em Mônaco (transcrição italiana de *München*) [...].

Galhoz e Teresa Sobral Cunha, prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho, 2 vols., Ática, Lisboa, 1982 [*Livro, I e II*];

— para a generalidade dos textos em prosa: *Obra Poética e em Prosa*, organização, introduções e notas de António Quadros, sobretudo os vols. II e III, Lello & Irmão Editores, Porto, 1986 [*OPP, I, II e III*].

As demais referências serão devidamente identificadas, quando e se o próprio autor o faz. Assinale-se, porém, desde já, quanto nos foram úteis as seguintes obras de Teresa Rita Lopes: *Pessoa por Conhecer e Pessoa Inédito*.

Para a transcrição dos textos poéticos ingleses de Fernando Pessoa, reproduzimos versões de Luísa Freire, quase todas por publicar na obra (no prelo no momento em que esta tradução estava sendo preparada) *Poesia Inglesa de Fernando Pessoa*, Livros Horizonte, Lisboa. Para que o leitor de língua portuguesa possa encontrar mais facilmente o original inglês, indicamos no texto, em seguida à versão portuguesa, ou em nota, o título e a data.

Os textos de prosa escritos em inglês ou em francês são quase sempre reproduzidos na língua original; quando não o são, indicamos o autor da tradução.

Os tradutores aproveitam a ocasião para agradecer reconhecidamente o inestimável e generoso auxílio que, nesta por vezes difícil tarefa de localização das versões originais dos textos citados, lhes foi prestado por José Blanco, Luísa Freire e Luísa Medeiros, nomes que prazerosamente associam a seu trabalho.

Acrescente-se, finalmente, que mantivemos o critério do autor quanto à referência em nota da proveniência dos textos citados. (*N. dos T.*)

*O autor dá nesta e nas duas passagens seguintes, que não traduzimos, exemplos de alguns dilemas de transcrição ou ortografia de nomes portugueses. Os tradutores procuraram respeitar as lições das obras transcritas, particularmente em textos de Pessoa. (*N. dos T.*)

Este livro não pretende ser erudito nem objetivo. Nele assumo minhas opções, minhas opiniões tendenciosas, minhas interpretações da obra, meus juízos de valor sobre o homem. Mas é bom o leitor saber que existem outros olhares possíveis para a personalidade de Pessoa. Observa-se hoje em Portugal um movimento de rejeição da imagem do poeta “maldito”, proposta há meio século por seu primeiro biógrafo, João Gaspar Simões. Há uma vontade de reabilitá-lo, tal qual nós, franceses, tentamos fazer com Baudelaire, Verlaine ou Rimbaud. Terá sido ele filho de boa família transviado, boêmio, alcoólatra, rejeitado pelos próximos, sempre sem dinheiro, como o apresenta João Gaspar Simões, ou, como pretendem alguns de seus amigos, terá permanecido um burguês respeitador da ordem estabelecida, “certinho”, saudável e bem-pensante, preocupado, no fim, com a salvação de sua alma? É difícil sondar o coração dos vivos e dos moribundos. Conta-se que um poeta “maldito” do Segundo Império, Théodore Pelloquet, vagabundo e bêbedo, que ficou afásico ao tentar no leito de morte exprimir aos próximos sua última vontade, conseguiu pronunciar apenas a primeira sílaba: “abs... abs...”, sem que ninguém conseguisse saber se queria um copo de absinto ou a absolvição dos pecados por um padre.² Pessoa não foi vagabundo nem burguês vulgar. Os gregos qualificavam esse tipo de homem de “estranho estrangeiro”; era assim que, por exemplo, definiam São Paulo.³ Pessoa escolheu seu campo e aceitara definitivamente levar uma vida medíocre num pequeno escritório da Baixa. “Isto me consola neste escriptorio estreito, cujas janellas mal lavadas dão sobre uma rua sem alegria. Isto me consola, em o qual tenho por irmãos os creadores da consciência do mundo — o dramaturgo atabalhado William Shakespeare, o mestre-escola John Milton, o vadio Dante Alighieri, (...) e até, se a citação se permite, aquelle Jesus Christo que não foi nada no mundo, tanto que se duvida d’elle pela historia. Os outros são de outra especie — o conselheiro de estado Johann Wolfgang von Goethe, o senador Victor Hugo, o chefe Lenin, o chefe Mussolini.”⁴

Poderão ainda censurar-me o fato de não lhe ter sublinhado suficientemente o humor ou a ironia, o gosto do gracejo, por vezes de mau gosto, da zombaria e da farsa. É verdade que gostava de provo-

²Maurice Allem, *La Vie quotidienne sous le Second Empire*.

³Marie-Françoise Baslez, *Saint Paul*.

⁴Livro, II, 213.